

**Associação Brasileira de Teatro de Bonecos (ABTB)**

Clorys Daly  
ABTB – UNIMA – Rio de Janeiro



Clorys Daly (2014). Foto de Fernando Filho.



Clorys Daly e Jan Malik (1971). Nashville. Foto de Gene Daly.



Clorys Daly distribuindo Revista Mamulengo (1973). Rio de Janeiro. Foto de Ney Robson Moreira Padrão.

**Resumo:** Este artigo sobre a Associação Brasileira de Teatro de Bonecos – ABTB tem o intuito de fazer uma introdução sobre sua história que já dura 41 anos, informando como foi sonhada, idealizada, concretizada e relatando os acontecimentos dos primeiros anos da entidade. A ABTB contou com um grupo de fundadores que possibilitou seu crescimento e permanência. Os fundadores da ABTB não pouparam esforços para tornar um sonho realidade e encontraram novos seguidores e artistas que foram se multiplicando e enfrentando as adversidades inerentes à escolha dos caminhos da “arte”.

**Palavras-chave:** Teatro de Bonecos do Brasil. ABTB. Fundadores da ABTB.

**Abstract:** This article describes the early history of the “Associação Brasileira de Teatro de Bonecos” (ABTB), which was formed 41 years ago. It informs the reader how this “dream come true” was idealized, how it materialized, and it enumerates important events during the early years of the Association development. The article conveys how ABTB founders and artists, with great effort and perseverance, made their dream a reality, while facing the adversities inherent in choosing art as a profession. The subsequent growth of ABTB emerged from a solid base of supporters and followers, which has made possible its enduring success to the present day.

**Keywords:** Puppet Theater in Brazil. ABTB. ABTB founding members.

A fundação oficial da Associação Brasileira de Teatro de Bonecos – ABTB em 1973 foi precedida de uma trajetória que se iniciou em 1965, ano do IV Centenário do Rio de Janeiro. Os artistas bonequeiros recém-chegados ao universo do Teatro de Bonecos têm o direito de saber a história da Associação. Eu faço parte dessa história e tenho o prazer em compartilhá-la.



Fundadores e amigos da ABTB (1973). Acima, da esquerda para a direita: Eny Lacerda, Maria Luiza Lacerda, Francisco Eustáchio Dias, Creuza Victor dos Santos, Alexei Wisnerowicz, Veridiano Araújo, Virginia Valli, Daisy Schnabl, Cláudio Ferreira e Ângela Daly. Abaixo, da esquerda para a direita: Paulo Sérgio Futscher, prof. Oscar Bellan, Clorys Daly e Danilo Melo. Rio de Janeiro. Foto de Gene Daly.

Eu e Cláudio Ferreira (1931–2002) cursamos, respectivamente, o Conservatório Nacional de Teatro e a Escola de Teatro Martins Penna, no Rio de Janeiro, e nos lançamos no teatro profissional abrindo o Arena Clube de Arte (café-concerto) em Copacabana. Por ocasião dos festejos para o IV Centenário da cidade, no ano de 1965, tivemos a satisfação de receber um convite para apresentar nas praças de muitos bairros da cidade o primeiro espetáculo por nós produzido: *Auto do Boi Guerreiro*, baseado no Bumba-Meu-Boi e que contava com o ator Grande Othelo (1915–1993) à frente do elenco. Graças a esse espetáculo, assistido por dona Lotta de Macedo Soares (1910–1967)<sup>1</sup>,

<sup>1</sup> Arquiteta e paisagista de formação autodidata, dona Lotta foi uma das responsáveis pela idealização do Parque do Flamengo. Parte de sua vida, sobretudo sua relação com a poetisa Elizabeth Bishop, é retratada no filme *Flores Raras* (2013), dirigido por Bruno Barreto, em que a atriz Glória Pires interpreta dona Lotta.

idealizadora do Parque do Flamengo<sup>2</sup>, tivemos a satisfação de outro convite importante que marcou nossa trajetória: a Coordenação da Programação do Teatro de Marionetes e Fantoches do Parque do Flamengo, função que exercemos por um período de quase três anos. *O Auto do Boi Guerreiro* foi mais tarde também realizado com bonecos, utilizando uma técnica nunca antes apresentada no Brasil e que havíamos visto na Polônia. Fantoches de cabeça<sup>3</sup>. O espetáculo, agora com bonecos, não só percorreu muitas praças do Rio, mas também muitos teatros e praças Brasil afora.



**Dona Lotta de Macedo Soares (de branco) semicoberta pelo governador Negrão de Lima. Teatro de Marionetes e Fantoches, Rio de Janeiro (1966). Foto da comitiva oficial do governador. Fotógrafo não identificado. Acervo de Clorys Daly.**

<sup>2</sup> O Parque do Flamengo ou Aterro do Flamengo, como também é conhecido por muitos moradores da cidade, é um complexo de lazer que abriga museus, quadras esportivas, ciclovias. Ali também está instalado o Teatro Municipal Carlos Werneck, cuja programação é dedicada, prioritariamente, ao Teatro de Bonecos.

<sup>3</sup> Fantoches de cabeça – é um tipo de boneco que se prende sobre a cabeça do bonequeiro, e se usa, para isso, um chapéu ou capacete. Normalmente, a cabeça do títere é confeccionada presa ao capacete. Seu corpo é o corpo do bonequeiro escondido sob o figurino. Na Espanha, segundo Paco Parficio (2006, p. 66), este boneco é denominado *títere-tocado* (títere de toca): “Angelina Beloff, títereira russa que viveu muitos anos no México e foi companheira do muralista Diego Rivera, amava os *títeres de toca*, pois se usaram muito na antiga União Soviética”.

Lembro-me como se fosse hoje quando dona Lotta mandou chamar o responsável pela produção que tanto apreciara. Lá fui eu ao seu encontro, no escritório do Grupo de Trabalho que funcionava no Horto, um barracão de madeira, no Parque do Flamengo. Poucas palavras trocadas, e ela me convidou para ser responsável pela programação da “menina dos seus olhos” e me entregou as chaves do Teatro de Marionetes e Fantoques, atualmente Teatro Municipal Carlos Werneck, com uma única exigência: aos sábados e domingos, teatro de *guignol*<sup>4</sup> para a criançada! Recordo-me ainda hoje de parte do nosso curto diálogo:

– Mas, dona Lotta, a senhora nem ao menos me conhece!

– Minha filha, estou com 60 anos e, se a esta altura da vida olhando nos olhos de uma pessoa, não souber com quem estou lidando...

Parecia simples, mas a verdade é que na época ainda não estávamos envolvidos com os bonecos e não sabíamos ao certo quem estava se dedicando a este segmento da arte, arte tão especial que veio a se tornar a nossa principal dedicação por muitos e muitos anos. Nasceu, então, a ideia de realizarmos um festival para tentar descobrir onde se escondiam os titeriteiros do Rio de Janeiro. Era tudo muito singelo, sem maiores ambições, e qual não foi nossa surpresa quando os candidatos surgiram, não só da cidade do Rio de Janeiro, como de outros Estados. E assim, foi realizado de 2 a 31 de julho de 1966, durante os fins de semana, o I Festival de Teatro de Marionetes e Fantoques do Rio de Janeiro. O Festival era classificatório, e o 1º lugar foi conquistado pelo Teatro de Bonecos Dadá, do Paraná, com direção de Manoel Kobachuk e manipuladoras Miriam Galarda (1945–2010) e Adair Chevonika (1939–2014).

O Festival realmente atingiu o que se tem buscado incessantemente desde então. Foi uma verdadeira comunhão. A imprensa espontaneamente deu ampla cobertura. Levei um susto quando olhei para a alameda ao lado do Teatro e vi uma fila enorme de carros de reportagem, muitos jornalistas querendo nos entrevistar. Descobri

---

<sup>4</sup> Teatro Guignol, expressão que designa o teatro de bonecos de luva francês.

naquele momento o mundo mágico dos bonecos. Para mim, até hoje foi a minha melhor produção... E assim nasceu uma paixão!

Encerrado o I, imediatamente começamos a programar o II Festival, agora contando com o apoio da Secretaria de Turismo do Estado da Guanabara. Para minha surpresa, conseguimos uma boa verba, traduzida em muito trabalho, regulamentos complicados, divulgação mais difícil e coisas fugindo um pouquinho do nosso controle... O embaixador Donatello Grieco (1914–2010), com uma generosidade ímpar, concordou em expor sua coleção de bonecos, e o museólogo Clóvis Bornay (1916–2005)<sup>5</sup> nos presenteou com uma belíssima exposição que ocupava todo o saguão do então BEG – Banco do Estado da Guanabara, onde posteriormente funcionou o Banerj – Banco do Estado do Rio de Janeiro, conhecido como Banerjão, na Avenida Nilo Peçanha. Um espaço enorme, repleto das mais lindas marionetes que se possa imaginar.

No Festival de 1967, muitos grupos se apresentaram, mais Estados representados, e inclusive tivemos a participação de dois mamulengueiros: professor Serradinho, de Pernambuco; e Manuel Francisco da Silva, da Paraíba. O prêmio de 1º lugar coube ao Teatro de Ilo e Pedro, do Rio de Janeiro. Na festa de encerramento, dia 16 de julho de 1967, houve a apresentação *hors concours* do Petit Théâtre, de Paris, sob a direção de Alfa Berry (do famoso Picolli de Podrecca), no Golden Room do Hotel Copacabana Palace! A capa do programa do II Festival foi *by* Ziraldo.

Para o III Festival, realizado em 1968, o Teatro no Parque do Flamengo já não comportava as produções, que se sofisticavam. Apareceram os bonecões, exigências tecnológicas maiores, solicitação de mais tempo para ensaios no local, etc. Fomos nos instalar num dos melhores teatros do Rio de Janeiro, o recém-construído Teatro Novo, na Rua Gomes Freire, que mais tarde veio a abrigar

---

<sup>5</sup> Um dos mais importantes carnavalescos do Brasil, trabalhou em diversas Escolas de Samba do Rio de Janeiro; foi o idealizador do Baile de Gala, no Teatro Municipal do Rio de Janeiro, onde instituiu os Concursos de Fantasia. Como ator, atuou em *Terra em Transe*, (1967) de Glauber Rocha.

a TVE. Além da Secretaria de Turismo do Estado da Guanabara, contávamos agora, também, com o apoio do Serviço Nacional de Teatro – SNT. Para julgar os espetáculos, um júri da mais alta qualificação: embaixador Donatello Grieco (presidente), incluía também o diretor e cenógrafo Gianni Ratto (1916–2005), o escritor e crítico de arte Walmyr Ayala (1933–1991), o pesquisador e diretor teatral Hermilo Borba Filho (1917–1976) e a produtora cultural Tatiana Memória (1927–2007). O júri concedeu o 1º lugar para Virgínia Valli<sup>6</sup> e seu Grupo com o espetáculo *Esse boi é de morte*; o 2º lugar: Teatro Folclórico de Fantoques, do Paraná; e o 3º lugar para o Teatro de Ilo e Pedro, do Rio de Janeiro.

Foi nesse festival que Ginu – Januário de Oliveira (1910–1977), o grande mestre dos mamulengueiros, nosso convidado especial por indicação de Hermilo Borba Filho, se apresentou *hors concours*. Desembarcou de sua primeira viagem de avião com uma desenvoltura de causar inveja. Deu entrevistas para rádio e jornal com a maior tranquilidade e apresentou-se no imenso palco do Teatro Novo com a mesma espontaneidade como se estivesse numa pracinha do interior. Arrancou aplausos calorosos de uma plateia boquiaberta ao acompanhar sua manipulação, constatando o que ele conseguia realizar com seus “bonequinhos”, num Festival no qual quase todos tinham partido para encenações grandiosas comparadas com as do I e II Festivais.



Ginu (Januário de Oliveira) e Cláudio Ferreira (1968). Teatro Novo, Rio de Janeiro. Foto de Ney Robson Moreira Padrão.

<sup>6</sup> Virgínia Valli foi uma das responsáveis pelas publicações da *Revista Mamulengo*. Trabalhou durante anos com Maria Clara Machado no Teatro O Tablado e contribuiu para a publicação dos *Cadernos de Teatro*.

O eco desses festivais chegou aos ouvidos dos importantes dirigentes da UNIMA – Union Internationale de la Marionnette, e, depois de uma longa troca de correspondências, participei nos Estados Unidos, em julho de 1971, na cidade de Nashville, no Estado de Tennessee, do I Festival Internacional promovido pelo Puppeteers of America. Esse Festival contou com a presença de membros do Comitê Executivo da UNIMA, ocasião em que o secretário geral, Jan Malik (1904–1980), formulou o convite para que eu me tornasse representante da entidade no Brasil. Posteriormente, já nesta capacidade, em setembro de 1972, compareci no XI Congresso da UNIMA realizado paralelamente ao I Festival Mondial des Théâtres de Marionnettes, em Charleville-Mézières, França, tendo sido eleita para o Comitê de Auditoria. O Brasil começava a despontar no panorama internacional, e, pela primeira vez na história do Teatro de Bonecos, a bandeira brasileira foi içada juntamente com a dos cinquenta e tantos outros países que participavam do evento. Foi um momento de grande emoção.



Clorys Daly e Sergey Obratzov. Nashville, Tennessee, EUA (1971). Foto de Gene Daly.

A partir daquele momento, senti a imperativa necessidade da criação de uma entidade que reunisse os titeriteiros do Brasil. E foi lá, em Charleville-Mézières, no meio do burburinho daquele inesquecível Festival, regado a *champagne*, confraternizando, trocando ideias, sendo incentivada pelos maiores expoentes

do Teatro de Bonecos: Sergei Obratzov (1901–1992), Jan Bussell (1909–1985), Henryk Jurkowski, Albrecht Roser (1922–2011), Ludwig Krafft (1901–1977), Margareta Niculescu, Jacques Felix (1926–2006), Philippe Genty, Bil Baird (1904–1987), Jean Loup Temporal (1921–1983), Taiji Kawajiri (1914–1994), Michael Meschke, que sonhei com criar uma associação para difundir o Teatro de Bonecos no Brasil e estabelecer uma troca de experiências

com colegas de outras nações.

Em 1973, mais precisamente dia 27 de abril, nascia a Associação Brasileira de Teatro de Bonecos – ABTB. Assim, oficialmente, demos continuidade ao trabalho iniciado quase que por acaso com a realização do I Festival de 1966.

Reuniram-se à Rua Barata Ribeiro 60, cob. I, Copacabana, Rio de Janeiro, primeira sede da ABTB, os simpatizantes que vieram a ser os fundadores da ABTB: Clorys Daly, Eugene E. Daly, Cláudio Ferreira, Daisy Schnabl, Virgínia Valli, prof. Oscar Bellan, Rogério Bellan, Maria Luiza Lacerda, Eny Lacerda Ribeiro, Danilo Melo, Ângela Daly, Paulo Sérgio Futscher, Verediano Araújo, Carmosina Araújo, Elza Milward Dantas de Araújo e Francisco Eustáchio Dias.

Aos poucos, sem nem aos menos nos darmos conta, estávamos totalmente envolvidos com o mundo fantástico dos bonecos. Fomos descobrindo coisas como, por exemplo, que antes do I Festival por nós idealizado, outros eventos de muita importância já tinham acontecido. Virgínia Valli relata muito bem esses acontecimentos na *Revista Mamulengo* nº1, lançada ainda no decorrer do primeiro ano de fundação da ABTB e que teve o patrocínio do SNT – Serviço Nacional de Teatro. A *Revista* era um veículo próprio para disseminar a arte à qual tanto nos dedicávamos. O seu nome, sugerido por Virgínia, traduzia bem a intenção de valorizarmos nossas raízes, de prestigiarmos nossos artistas populares. Sem dúvida, Lotta de Macedo Soares e Virgínia Valli foram duas pessoas que tiveram grande influência sobre os destinos do Teatro de Bonecos no Brasil e influenciaram, também, a minha participação neste tão importante setor da arte. Ambas pessoas cultas e valentes, que tinham fascínio pelos bonecos e merecem nosso reconhecimento.

Por decisão da assembleia de associados, os eventos anteriormente realizados foram incorporados à história oficial da ABTB por terem, de fato, atingido o objetivo de congregar adeptos de norte a sul do Brasil; e assim partimos para o IV Festival e I Congresso, realizados em 1975, em Curitiba. A partir do IV Festival, já não havia premiação, pois sentimos que isso estabelecia uma concorrência

que não era nosso objetivo. Foi também no IV Festival que tivemos participação de diversos grupos da Argentina, provenientes das cidades de Mendoza, Rosário, Buenos Aires, Córdoba, Centenário.

No ano seguinte, 1976, foi realizado o V Festival e II Congresso, na cidade de Recife, nas dependências do Cecosne – Centro de Comunicação Social do Nordeste, talvez o mais bonito e sofrido da história da ABTB porque, naquele momento, Pernambuco sofreu inundações de grandes proporções. Ariano Suassuna (1927–2014), então secretário de Educação e Cultura do Recife, nos recebeu em sua casa, e foi uma tarde memorável, escutando suas histórias e seu entusiasmo pela criação do Movimento Armorial, mas não pôde cumprir sua promessa de apoio financeiro ao Festival. Por mais que eu e Madre Escobar (Armia Duarte Escobar, fundadora do Cecosne) insistíssemos oferecendo propostas alternativas, ele se manteve irredutível. Era “não”, “não” e “não”, mas mesmo assim saímos vibrando e muito agradecidas. Acho que teve muito a ver com sua maneira única, muito especial e engraçada de dizer “não” que quase parecia “sim”.

O patrocínio do governo federal não cobria todas as despesas. Poucos ficaram sabendo que a turma do Cecosne, onde estávamos todos hospedados, se cotizava para não faltar a cesta básica mínima necessária.



Cláudio Ferreira, Madre Escobar e Clorys Daly (1975). Cecosne, Recife, Pernambuco. Foto de Gene Daly.

Houve muitas manifestações populares no berço dos mamulengueiros, mas a grande atração foi Mestre Saúba, com a *Casa da Farinha*, expondo seu trabalho em constante movimento armado no pátio do Cecosne por onde todos circulavam. Maravilhados, os participantes que compunham a programação, oriundos de diversos Estados, aplaudiam sem cessar. Para muitos, foi o primeiro contato com essa arte de um homem do povo, aparentando muita simplicidade, mas *só aparentando*, pois ali existia uma genialidade ímpar, e ele tinha consciência disso.

1976 foi, sem dúvida, um ano de muitas vitórias: nessa oportunidade, a incansável, sonhadora e visionária Madre Escobar começou a traçar os planos para realização do I Curso Superior de Teatro de Bonecos e nos envolveu com seu incomparável entusiasmo. Com patrocínio da Funarte, vinculado à Universidade Federal de Pernambuco e à Secretaria de Educação e Cultura de Pernambuco, o Curso realizado no ano seguinte, mais uma vez nas dependências do Cecosne, proporcionou oportunidade para grande confraternização e troca de experiências entre os alunos de diversos Estados, culminando com a montagem de *Viva a Nau Catarineta*, de Altimar Pimentel (1936–2008) e direção de Cláudio Ferreira. A primeira semente foi plantada para o Teatro de Bonecos adentrar nas universidades brasileiras, atualmente uma realidade.

O ano de 1976 foi também um ano vitorioso quando, em Moscou, obtivemos uma grande conquista durante o XII Congresso da UNIMA lá realizado: percebendo que nossa Associação crescia, já era tempo de criar um Centro UNIMA Brasil para substituir o representante. Não desejando enfraquecer nossa entidade no Brasil, conseguimos aprovação do Comitê Executivo da UNIMA para que o Centro UNIMA Brasil e a ABTB fossem considerados uma única entidade e com diretoria única, exceção anteriormente apenas concedida à Suíça. Para isto, era necessário a ABTB ter em seus quadros pelo menos 50 sócios quites, e me senti vitoriosa entregando a relação de nossos associados que, pessoalmente, conquistei um a um.

A gestão da primeira diretoria da ABTB chegava ao fim dos quatro anos iniciais propostos. O VI Festival foi realizado em Brasília em 1977, contando com a participação de espetáculos e representantes do Canadá, França, Argentina, Japão e Austrália. Na pauta do III Congresso, houve eleição para o próximo biênio de acordo com o estatuto vigente, e Manoel Kobachuk assumiu a presidência.

Depois de longa dedicação à criação e ao fortalecimento da ABTB, eu e Cláudio Ferreira não concorreremos à reeleição. Tínhamos outros planos. No ano seguinte, 1979, Ano Internacional da Criança, inauguramos, em Brasília, o Circo de Marionetes Malmequer, posteriormente rebatizado de Circo de Marionetes Bem-Me-Quer. Até onde é de nosso conhecimento, foi o primeiro circo de marionetes do mundo. Percorremos diversos Estados do Brasil durante nove anos. Estávamos irremediavelmente conquistados pelo universo dos bonecos!

Entretanto, nunca nos afastamos totalmente do movimento, e a ABTB continua firme e forte depois de 41 anos, crescendo e se expandindo. Uma das propostas muito importantes formulada há alguns anos pela ABTB, em vias de se concretizar, é o reconhecimento do Teatro de Bonecos Popular do Nordeste como Patrimônio Cultural do Brasil.

A ABTB nasceu para promover o desenvolvimento do Teatro de Bonecos no Brasil e continua seguindo os preceitos da UNIMA, reunindo pessoas de todo o mundo para promover, através desta arte, valores humanos.

Para cobrir todo o vasto território nacional, foram criadas associações regionais, com vida própria. São realizados, em diversos Estados brasileiros, *workshops*, oficinas, espetáculos infantis e para adultos, utilizando diversas técnicas. O ponto alto são os Festivais, nacionais e/ou internacionais que acontecem anualmente, proporcionando o encontro e a troca de experiências entre esses dedicados artistas brasileiros e equipes convidadas de outros países.

Sinto-me orgulhosa de ser uma das fundadoras da ABTB.

## REFERÊNCIAS

PARÍCIO, Paco. *Títeres y demás parientes*. Jaca: Pirineum y Titiriteros de Binéfar, 2006.

VALLI, Virgínia. *Revista Mamulengo* n° 1. Revista da Associação Brasileira de Teatro de Bonecos – ABTB. Rio de Janeiro, 1973.